OUVIR O ESPÍRITO:
CAMINHO DE VIDA NA FÉ PARA O SEGUIMENTO DE JESUS.

Marcio Simão de Vasconcellos[1]
http://lattes.cnpq.br/3986537862402700

Resumo: Neste artigo, busca-se refletir sobre a experiência pneumatológica vinculando-a ao seguimento de Jesus. Ouvir a voz do Espírito é tarefa essencial para que a igreja cristã siga a Cristo no caminho do discipulado. Nesse sentido, apresentaremos alguns possíveis critérios para tal tarefa.

Palavras-chave: Espírito Santo, pneumatologia, cristologia, discipulado, discernimento.

Abstract: In this article, we try to reflect about the experience pneumatological linking it the following of Jesus. Listen to the voice of the Spirit is essential task for the Christian church to follow Christ on the path of discipleship. In this sense, we present some possible criteria for such a task.

Key-words: Holy Spirit, pneumatology, Christology, discipleship, discernment.

"Aquele que tem ouvidos, ouça o que o Espírito diz às igrejas." Estas palavras marcam o tom final de cada uma das cartas do livro do Apocalipse como alertas do Cristo ressurreto para as comunidades cristãs. São palavras que exigem uma cuidadosa reflexão. Nesse sentido, trazer à memória o que o Espírito de Jesus nos fala, especialmente em tempos confusos como os nossos, torna-se, não só fundamentalmente importante, como também a única maneira de guardar a fidelidade à mensagem de Cristo. De fato, ouvir a voz do Espírito de Deus é o maior desafio e, ao mesmo tempo, a maior necessidade dos cristãos em nosso tempo. Num momento de redescoberta da dimensão pneumatológica da vida pela igreja cristã, refletir sobre o Espírito Santo é uma tarefa abrangente, pois "não estão em pauta apenas a elaboração de um tratado sobre o assunto e o

[1] Marcio Simão de Vasconcellos é especialista em Ciências da Religião (FATERJ-IBEC) e mestrando em Teologia Sistemático-Pastoral (PUC-RJ). E-mail: marciosvasc@gmail.com

rastreamento da dimensão pneumatológica de temas dogmáticos, mas também uma renovação pneumatológica da teologia como tal."[2].

Trata-se da busca necessária por relacionar intimamente cristologia e pneumatologia, num movimento a partir do Espírito, que reconfigure o falar e o fazer teológico a dimensões sempre mais próximas ao Espírito de Deus. E aqui cabem as perguntas, por vezes desconcertantes: como discernir o Espírito? Como identificar seu sopro? Como ouvir sua voz e o que Ele diz às igrejas?

Este texto tem a pretensão de apresentar possíveis respostas a tais questões. Como caminho para a elaboração de uma resposta, iremos enfatizar um aspecto, especialmente desenvolvido por Yves Congar, a saber: qualquer reflexão sobre este tema precisa se guiar por uma cristologia pneumatológica e por uma pneumatologia cristológica. Manter essa relação entre Jesus Cristo e Seu Espírito se traduz em implicações significativas. Em primeiro lugar, percebe-se que não pode haver qualquer separação entre a cristologia e a pneumatologia: o Espírito é o Espírito de Jesus Cristo, encarnado, morto e ressuscitado pelo poder deste mesmo Espírito. "Assim, só chegamos ao Pai pelo Filho no Espírito!"[3].

Em segundo lugar, a pneumatologia de Congar é trinitária, pois "Jesus revela o Pai e o Espírito recorda nos cristãos o que Jesus é e fez"[4]. Nesse sentido, a missão própria do Espírito se relaciona com Jesus e sua missão salvífica, atualizando a revelação trazida por Cristo para a igreja de todos os tempos. Aliás, talvez essa dimensão reveladora do Espírito seja o que traz um certo desconforto à igreja cristã. Porque, se por um lado o Espírito "não traz um ensinamento novo, mas presentifica o ensinamento de Jesus"[5], testemunhando do Filho como revelador do Pai, por outro a revelação que o Espírito traz não é um pacote fechado de doutrinas, mas sim dinamismo constante que guarda a fidelidade à mensagem do Filho ao mesmo tempo em que está aberto à dimensão da história. Em outros termos, a revelação do Espírito é vida, como sopro de Deus que dinamiza e orienta a caminhada cristã. Assim, o Espírito não revela coisas novas, mas atualiza a revelação. Isso ocorre porque:

> A verdade na qual o Espírito da Verdade nos conduz não é coisa feita e acabada, mas a compreensão certa de cada novo momento. Ele nos guia na plenificação da verdade, porque Jesus viveu em um determinado momento,

[2] HILBERATH, Bernd Jochen, *Pneumatologia em* SCHNEIDER, Theodor (org.), *Manual de dogmática, volume I*, p. 406
[3] MORAES, Eva Aparecida Rezende de, *A experiência do Espírito Santo vivida pelo Concílio Vaticano II e por Yves Congar*. Em*:* TEPEDINO, Ana Maria (org.), *Amor e discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas***,** p. 200-201.
[4] Idem.
[5] HILBERATH, **Pneumatologia.** Em: SCHNEIDER, Theodor (org.), *Manual de dogmática, volume I*, p. 439

> mas o Espírito que ele envia é para todos os momentos. E ele nos conduz pelo caminho da verdade plena – o caminho de Deus – não por conta própria, mas porque ele é um com Jesus e o Pai.[6]

A partir de tudo isso, podemos apresentar um critério especialmente importante para discernirmos a atuação do Espírito e sermos capazes de ouvir a sua voz: "o Espírito que se manifesta nas comunidades com tanta força e tanta variedade não é outro a não ser o Espírito de Jesus."[7]. Desenvolveremos nossa argumentação mantendo esse critério como bússola para o discipulado cristão.

Por uma cristologia pneumatológica: como seguir a Jesus?

Segundo os evangelhos, o Espírito Santo acompanha Jesus durante toda sua vida: Jesus foi concebido do Espírito (Mt 1,20); ainda como recém-nascido, sua identidade como Messias é autenticada pela revelação do Espírito (Lc 2,26); identidade essa publicamente afirmada pelo Pai na ocasião de seu batismo, quando o "Espírito Santo desceu sobre ele em forma corpórea como pomba" (Lc 3,22); é o Espírito quem conduz Jesus ao deserto para enfrentar sua tentação (Lc 4,1); e é o Espírito o conteúdo principal de sua primeira pregação pública, segundo Lucas (Lc 4,18-19), que serve, inclusive, como programa de seu ministério. Enfim, nas palavras de Jürgen Moltmann:

> A presença permanente do Espírito em Jesus é o verdadeiro começo do reino de Deus e da nova criação na História. Por isso Jesus expulsa os demônios nesse poder, cura os doentes e restabelece a criação destruída. (...) Especialmente nos primeiros capítulos dos evangelhos sinóticos, o Espírito é apresentado como o sujeito divino do caminho de Jesus. O Espírito de Deus que habita em Jesus possibilita e abre a relação do Pai com o Filho e do Filho com o Pai. No Espírito Deus experimenta Jesus como o filho divino, e Jesus experimenta a Deus como o 'Abba.[8]

[6] KONINGS, Johan, *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*, p. 342
[7] MESTERS, Carlos, *Descobrir e discernir o rumo do Espírito. Uma reflexão a partir da Bíblia*. Em: TEPEDINO, Ana Maria (org.), *Amor e discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas*, p. 41
[8] MOLTMANN, Jürgen, *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas*, p. 151

A estas afirmações evangélicas, soma-se o testemunho dos apóstolos e das primeiras comunidades cristãs. Para Paulo, por exemplo, Jesus foi ressuscitado pelo poder vivificador do Espírito (Rm 1,4.8,11), o mesmo Espírito que habita em nós, testificando que somos filhos de Deus e nos capacitando a chamá-lo de 'Abba (seguindo a prática de Jesus), e que derrama sobre a vida de todo cristão o amor do Pai (Rm 5,5.8,15-16); assim, para o apóstolo, o Espírito é o Espírito de Cristo (Rm 8,9). Já Atos declara com toda clareza que "Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com poder." (At 10,38), e "o mesmo Espírito em cujo poder Jesus foi à Galiléia também impulsiona as discípulas para a missão. O Espírito torna-se o catalizador, a força orientadora e motriz da missão."[9]

Portanto, o Espírito de Deus estava sobre Jesus. Este fato é muito mais que uma afirmação teológica; é o cerne mesmo da missão do próprio Jesus e, consequentemente, de sua igreja. Ambas são pneumatológicas. Em Jesus, a presença do Espírito manifestou-se com o cuidado com o próximo e com a revelação de uma nova imagem de Deus, não mais como o acusador de pecados dos fariseus legalistas, mas como o Deus de bondade e misericórdia, sempre pronto a perdoar.

Esta chave hermenêutica – uma cristologia pneumatológica – pode servir a pelo menos três aspectos de nossa vivência de fé, seguindo a proposta de Jesus, pleno do Espírito. Em primeiro lugar, é o Espírito de Jesus quem autentitica nossa missão cristã. A igreja neotestamentária é fundamentalmente pnenumatológica, e é o Espírito que permite a existência da igreja em novos momentos, atualizando a mensagem de Jesus sem que esta seja engessada ou aprisionada em fórmulas literalistas e fundamentalistas geradoras de peso e morte. O Espírito é guia a toda a verdade, porque fala sobre o que recebe do Filho e, por isso, o glorifica (cf. Jo 16,12-15). Por isso, toda proposta cristã que se coloca sob a ação deste Espírito também, como consequência, glorificará a Jesus e transmitirá sua verdade ao mundo.

Em segundo lugar, como Jesus, somos igreja quando voltados para o próximo, experimentando no cotidiano esse amor que é derramado em nossos corações pelo Espírito de Deus. A igreja encontra-se no outro, especialmente, no outro necessitado e oprimido, a quem estendemos pão, água e vestes. E ao fazer isso a igreja encontra a Cristo e a seu Espírito.

Nesse sentido, a proposta do evangelho de Jesus e de seu Espírito é abraçar as pessoas, demonstrando o amor de Cristo. Por isso, o relacionamento entre homens e mulheres não deve ser hierárquico; trata-se de uma irmandade em Cristo, uma relação horizontal. É atitude relacional, pois no reino de Deus todos e todas são convidados à mesa do Pai, ao seu banquete, e à experiência com

[9] BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão*, p. 147

sua graça e amor. O Pai de Jesus faz chover sobre bons e maus, e faz surgir seu sol sobre justos e injustos. Será que somos mais justos que Deus fazendo separações espúrias entre pessoas?

Dessa forma, as relações neste reino de Deus pregado por Jesus são fraternas. Enxerga-se o outro. Ouve-se sua voz. Foi assim com Jesus: para ele, o foco da missão não são as multidões impessoais, mas o próximo. Ao ver uma multidão saindo da cidade, Ele vê uma mãe, viúva, sofrendo com a morte de seu único filho, e a conforta (Lc 7.12-17). Ao ver as multidões, Jesus revela sua compaixão, que sabe reconhecer as necessidades individuais dos que se aproximavam dele.

Assim, pela força do Espírito de Jesus, redescobre-se a caridade como centro da vida diante de Deus e diante do próximo. A fé que daí surge é, primeiramente, fé voltada para fora, expressa num ato de saída de si mesmo, caracterizando-se por ser um compromisso com Deus e com o próximo, em especial o necessitado, o oprimido, o cansado, o sobrecarregado, o culpado etc. "Em tal perspectiva", declara Gustavo Gutiérrez, "a inteligência da fé aparece não como inteligência da mera afirmação – e quase recitação – de verdades, porém de um compromisso, de uma atitude global, de uma posição diante da vida"[10]. Esta fé também serve. Não domina, nem busca o poder, mas serve a Deus no próximo.

> O Concílio Vaticano II reafirmou com veemência a idéia de uma igreja de serviço e não de poder, que não está centrada em si mesma e que só se encontra" quando "se perde", quando vive "as alegrias e esperanças, as tristezas e angústias dos homens de nosso tempo."[11]

A fé do reino de Deus, que valoriza o ser humano como criação máxima de Deus, é vivida com um sentimento prévio de compaixão por esta parcela da humanidade que se encontra no estado de pobreza em todos os sentidos possíveis e imagináveis desta palavra. É esta compaixão, como fruto do Espírito de Jesus, que faz com que a fé cristã seja confrontada e refletida diante deste quadro caótico de injustiça feita aos pobres, nos quais a presença de Cristo se faz ouvir.

> Em seguida, esta presença fala. O Crucificado presente nos crucificados chora e grita: "Tenho fome, estou aprisionado, encontro-me

[10] GUTIÉRREZ, Gustavo, *Teologia da Libertação*, p.19
[11] GUTIÉRREZ, *Teologia*, p. 20

> nu" (cf. Mt 25,31-46). Aqui se exige, mais que contemplação, uma ação eficaz que liberta. O Crucificado quer ressuscitar. Estamos a favor dos pobres somente quando, junto com eles, lutamos contra a pobreza injustamente criada e imposta a eles. O serviço solidário ao oprimido significa então um ato de amor ao Cristo sofredor, uma liturgia que agrada a Deus.[12]

Em terceiro lugar, ressaltamos que a identidade, a missão e a teologia da Igreja só podem ser realmente compreendidas através da pessoa de Jesus Cristo e do seu Espírito. É Jesus, revelador do Pai na força e vida do Espírito Santo, o único critério para nossa vivência cristã, para nosso discipulado. Num ambiente e num tempo absolutamente plural, em que há diversas maneiras de se pensar em ser cristão, é essencial pensarmos nesses critérios, pois caso contrário corremos o sério risco de anunciarmos um outro evangelho que não o do reino de Deus.

Mas ao falar de Jesus, estamos nos referindo ao Logos que se fez carne, que assumiu fraqueza, e que montou tenda entre nós (Jo 1,14). Estamos falando desse Jesus, que foi a casamentos não para fazer milagres, mas para aproveitar a vida diante de Deus juntamente com o próximo (Jo 3,1-11); desse Jesus que chorou com a incompreensão daqueles e daquelas que não se abriam para a chegada do reino de Deus (Lc 13,34); desse Jesus que exultou no Espírito Santo ao perceber que os segredos do reino de Deus eram revelados aos pobres (Lc 10,21). E, consequentemente, estamos falando do Espírito Santo, que sempre esteve com Jesus em todos esses momentos, e que o revela a nós hoje.

Jesus Cristo, pleno da experiência do Espírito de Deus, é o caminho para o discipulado, e este caminho passa pela encarnação. Por isso – e apenas por isso – Jesus tinha palavras que davam sentido às pessoas. Somente por causa da encarnação, é que Pedro pôde exclamar: "Para quem iremos nós, se só tu tens as palavras da vida?" (Jo 6,68).

A encarnação de Jesus traz implicações para a teologia. Ela é um modo de ser do cristão e da igreja, pois o Pai envia o Filho, e o Filho nos envia a partir do mesmo modelo. O como da missão cristã precisa preceder a nossa praxis (Jo 20,21). Além disso, na encarnação, se realiza o modo de ser de Deus entre nós. Nesse sentido, Jesus é o revelador de Deus para os seres humanos. Quem vê a Jesus, também encontra o Pai. Olhar para Jesus, portanto, é perceber como Deus é, age, sente, chora, se alegra, compartilha alegria do reino e sofre junto as dores do sofrimento humano.

[12] BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis, *Como fazer Teologia da Libertação*, p. 15

Esta questão é extremamente séria e atual. Imagens de Deus, inteiramente dissociadas da vida humana e da própria revelação neotestamentária a respeito do Pai, trazida por Jesus, podem servir de máscara para uma certa arrogância teológico-eclesiástica de quem quer se apresentar como porta-voz da vontade absoluta de Deus. Normalmente, quando isso ocorre, vincula-se uma imagem incorreta de Deus a um pensar incoerente sobre Deus que traz muitos prejuízos à vida dos crentes e vários questionamentos aos não crentes.

Como diz José Mª Castillo, "não se conhece a Deus elevando-se acima do humano ou fugindo da humanidade, mas procedendo exatamente no sentido contrário. Deus é conhecido e encontrado no que é próprio do ser humano"[13]. Assim, é a encarnação que torna possível o conhecer a Deus. Ainda nas palavras de Castillo, dizer Jesus é Deus significa, num mesmo ato, liquidar Deus e Jesus, pois implica em já saber, de antemão e sem contar com a revelação do próprio Jesus a respeito do Pai, como Deus é, para então, aplicar essa compreensão a Jesus[14]. Ora, isto resulta numa teologia dissociada das propostas dos evangelhos, das cartas paulinas, das cartas gerais, e do restante do NT; implica numa teologia divorciada da revelação e conseqüentemente do próprio Espírito Santo, que, vale reafirmar, é o Espírito de Jesus. Resulta também numa prática agressiva, fundamentalista e fanática que, em nome desse Deus criado pela sede de poder do ser humano, mata, destrói, esmaga e exclui muitas pessoas.

Porém, a proposta do evangelho é que Deus se descobre em Jesus. O Mistério de Deus só é alcançável "por aqueles a quem Jesus o dá a conhecer."[15]. Por isso, conhecemos a Deus no humano, meio escolhido pelo próprio Deus para se revelar ao cosmo. Nesse sentido, tudo o que ajuda homens e mulheres a serem humanos – isto é, todo processo de humanização do ser – provém de Deus e constitui sua vontade. Deus quer o bem de sua criação e não sua destruição.

Por isso, podemos afirmar que seguir a Jesus é muito mais do que seguir um corpo de doutrinas ou um conjunto de rituais e liturgias repetidas à exaustão em nossos encontros dominicais. Seguir a Jesus é tomar a forma de Jesus na vida. Isso só pode se dar quando ocorre uma identificação com seus projetos, com sua maneira de ser e de viver. É encarnar, na nossa vida, o reino de Deus e sua ética. Isso é estar próximo a Jesus, ser seu discípulo.

Seguir ao Jesus pleno do Espírito significa adotar os seus projetos para a vida. E estes não são projetos de poder nem de dominação, mas sim de serviço. O seguimento de Jesus requer de nós que façamos as mesmas opções por pessoas e lugares que Jesus fez. Isso não significa sair do mundo.

[13] CASTILLO, José Mª, *Deus e nossa felicidade*, p. 29
[14] CASTILLO, *Deus*, p. 37
[15] CASTILLO, *Deus*, p. 26

Pelo contrário, significa entrar no mundo integralmente, pois é o mundo o nosso lugar da missão. Movidos pelo Espírito de Jesus, somos chamados a encarnar no mundo, assim como ocorreu com o próprio Jesus, redescobrindo, no ambiente da nossa prática cristã, a vivência com o nosso próximo, com o outro. Seguir a Jesus é manter uma atitude relacional, não hierárquica, com o próximo. Não existe espaço para hierarquia no reino de Deus! Isso porque no reino de Deus todos e todas são convidados à mesa do Pai, ao seu banquete, e à experiência com sua graça e amor. O Pai de Jesus faz chover sobre bons e maus, e faz surgir seu sol sobre justos e injustos. Será que somos mais justos que Deus fazendo separações espúrias entre pessoas?

Seguir a Jesus significa anunciar a esperança do reino de Deus. O evangelho é boa-notícia, e só é boa-notícia porque está repleto de esperança. Essa virtude, juntamente com a fé e o amor, constituem a base da vida de todo o que deseja viver a fé em Cristo. Nesse sentido, manter esperança é afirmar, com a clareza da fé, a utopia possível de que é possível mudar as coisas. Sob esta perspectiva, o futuro e nem o presente estão pré-determinados. Em que pese todos os métodos de controle e coerção que a sociedade impõe sobre nossas próprias vidas para fazer-nos calar ou acomodar, ainda existe a possibilidade de, por meio de nossos atos na história, modificar o cenário social. A fome não é inextinguível; a miséria não é inescapável; as mortes pela violência urbana não são meras estatísticas inevitáveis; o analfabetismo não é algo normal; um sistema de saúde deficiente não é algo a ser aceito como rotineiro; a destruição do humano (o que inclui a destruição do divino) não pode ser compreendida como natural. Tudo isso, toda essa realidade mórbida, pode e deve ser confrontada. As coisas não são o que sempre foram. Elas foram construídas, elaboradas no decorrer da história. Sendo assim, não são imutáveis.

Seguir a Jesus, por fim, implica em não se render ao poder. Lembremos que o caminho da encarnação é o esvaziamento (a *kênosis*) do Filho, na atuação do Espírito. Sendo assim, não somos enviados para desenvolver projetos pessoais ou estruturais de poder. Somos servos de um Messias que é servo, e não messias guerreiro conforme a expectativa judaica presente nos tempos de Jesus.

Por uma pneumatologia cristológica: como ouvir a voz do Espírito?

O Espírito de Cristo se faz ouvir no mundo. Devido à ação do Espírito e do Logos de Deus, toda a criação é vocacionada à plenitude; por isso esta criação participa da expectativa quanto à redenção final, gemendo com dores de parto (Rm 8,22-23), até que Deus seja tudo em todos. (I Co

15,28). "O Pai cria e, pela ação do Verbo encarnado e do Espírito, a criação é, ao mesmo tempo, pascal e pentecostal!"[16]. O Espírito fala. Mas o que significa ouvir sua voz?

Em primeiro lugar, ouvir a voz do Espírito e sentir seu vento no rosto implica em humanizar-se na relação com Deus. O Espírito de Jesus não nos faz perder nossa humanidade; não nos torna anjos. Isso tem uma direta consequência em nossa relação comunitária: não podemos ser além do que somos. Porque se nós aparentamos ser algo que não somos, nós nos desumanizamos. Nas palavras de Fernando Pessoa, nossa vocação é ser íntegro:

> Para ser grande, sê inteiro
> Nada teu exagera ou exclui
> Sê todo em cada coisa
> Põe quanto és no mínimo que fazes
> Assim em cada lago a lua toda
> Brilha, porque alta vive.[17]

Ouvir a voz do Espírito também implica em humanizar o outro. Isso implica em devolver a humanidade aos homens e mulheres, considerados pela ótica moderna como meros objetos que podem ser usados para satisfazer desejos espúrios de lucro e dominação. Isso se conquista, por exemplo, quando se devolve ao ser humano a permissão para o sentir. Afinal, em um mundo no qual as pessoas são tidas como máquinas, qualquer sombra de dor e tristeza deve ser abolida[18]. A pós-modernidade quer produzir um mundo artificial, onde se possa dizer "aqui não há morte ou sofrimento", pois a dor desestabiliza e patenteia a fraqueza humana. Não há lugar, aqui, para encontros de conversa franca, de perdão, de relacionamentos com os outros, e quiçá nem mesmo para encontros com Deus ou abertura a seu Espírito. Hoje, existe a impossibilidade de se viver o luto. As sociedades pós-modernas "medicalizam" a dor. Isso impede o benefício da tristeza: o auto-conhecimento, que gera questionamentos e arrependimentos[19]. Afinal, se a dor não pode ser

[16] MORAES, Eva Aparecida Rezende de, *A experiência do Espírito Santo vivida pelo Concílio Vaticano II e por Yves Congar*. Em: TEPEDINO, Ana Maria (org**.),** *Amor e discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas*, p. 201.
[17] www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=77923 (acessado dia 25/11/2012 às 23:34h)
[18] ALMEIDA, Edson Fernando, **As tristezas humanas e a tristeza divina** *in* TEPEDINO, Ana Maria & ROCHA, Alessandro (orgs.), **A teia do conhecimento: fé, ciência e transdisciplinaridade**, p. 252
[19] "Porque a tristeza segundo Deus opera arrependimento para a salvação, da qual ninguém se arrepende; mas a tristeza do mundo opera a morte." II Co 7.10

nomeada, ela nunca termina. Como diria os Titãs: "Querer sentir a dor não é uma loucura; fugir da dor é fugir da própria cura"[20].

Mas é preciso lembrar que a santidade de um templo está justamente no fato de que é um lugar onde se pode chorar sozinho ou em conjunto. Chorar com os que choram, sofrer com os que sofrem. "Levai as cargas uns dos outros", diz Paulo, "e assim cumprireis a Lei de Cristo" (Gl 6,2), que é a mesma lei do Espírito da vida, que nos livrou da lei do pecado e da morte (Rm 8,2).

Ouvir a voz do Espírito significa não sair do mundo, mas sim experimentar o mundo e seus anseios de forma mais profunda. A experiência do Espírito de Deus leva o cristãoa voltar-se para tudo e todos, agora a partir de e com Deus, para então se reconciliar com a criação. Isso reflete um pensamento paulino muito claro, a saber, que "Deus estava em Cristo reconciliando consigo mesmo o mundo" e "nos confiou a palavra da reconciliação" (II Co 5,19). Toda a criação é, em Cristo, reconciliada; portanto, não pode haver espaços para dualismos, mesmo em nome da experiência com o Espírito Santo. A partir disso, pode-se chegar a uma conclusão: a espiritualidade cristã não é vivenciada fora do mundo, antes é encarnacional, e isto considerado até a última conseqüência. Somos mais espirituais à medida em que somos mais humanos, vinculados ao próximo; "a verdadeira eternidade vive no plano do relacionamento pessoal"[21].

Ouvir a voz do Espírito é compreender que a fé cristã só tem sentido e valor se intimamente associada com a prática, isto é, a ação concreta em favor de alguém. Amor a Deus que se fecha em si mesmo, sem se abrir ao próximo e às suas necessidades concretas, não pode ser verdadeiro, ainda que advogue uma intensidade mística experiencial. A salvação presente na pregação de Jesus não depende da adesão a uma fé em um corpo de doutrinas ou mesmo ao cumprimento litúrgico do culto. No juízo final, a pergunta não estará relacionada a tais doutrinas ou práticas de culto, mas sim aos atos de compaixão e misericórdia expressos no cuidado para com o outro, sobretudo aos mais fracos e marginalizados (Mt 25,31-46). A fé oriunda do reino de Deus não é abstrata, mas concreta e evidente no cotidiano: dar alimento a quem tem fome, água a quem tem sede, vestir os nus, visitar os presos, e acolher ao próximo, amando-o como a si mesmo.

Ouvir a voz do Espírito é reconhecê-lo no cotidiano da vida: no "falar, rezar, caminhar, viajar, orientar, cantar, criticar, decidir, ficar alegre, crescer, anunciar, servir etc."[22]. Assim, o extraordinário pode acontecer, mas nem sempre provém de Deus e nem pode ser utilizado como

[20] Ver a letra completa em: http://letras.terra.com.br/titas/84583/ (acessado dia 25/11/2012 às 18:40h)
[21] MOLTMANN, Jürgen, *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral*, p. 30
[22] MESTERS, Carlos, *Descobrir e discernir o rumo do Espírito. Uma reflexão a partir da Bíblia*. Em: TEPEDINO, Ana Maria (org.), *Amor e discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas*, p. 26-27

crivo para determinar a Sua presença na experiência. Aliás, a ordem de Jesus aos seus discípulos e discípulas não é que tivessem visões ou que experimentassem fenômenos extraordinários, mas que amassem uns aos outros, pois só o amor valida o seguimento de Cristo (Jo 13.34-35).

Por fim, ouvir a voz do Espírito é abrir-se para seu soprar, sempre novo e freqüentemente imprevisível. O Espírito sopra onde quer, e não sabemos de onde vem ou para onde vai. Apenas sabemos que, em Jesus, tornamo-nos nascedouro do seu Espírito: nascemos nele e ele nasce e vive em nós. E assim, seguimos a Jesus.

Referências Bibliográficas

BOFF, Leonardo & BOFF, Clodovis. *Como fazer Teologia da Libertação*. Petrópolis: Vozes, 1986.

BOSCH, David J. *Missão transformadora: mudanças de paradigma na teologia da missão.* São Leopoldo: Sinodal, 2002.

CASTILLO, José Mª. *Deus e nossa felicidade*. São Paulo: Loyola, 2006.

CONGAR, Yves. *Revelação e experiência do Espírito*. São Paulo: Paulinas, 2005.

GUTIÉRREZ, Gustavo. *Teologia da Libertação: perspectivas.* 5 ª ed. Petrópolis: Vozes, 1985.

KONINGS, Johan. *Evangelho segundo João: amor e fidelidade*. Petrópolis: Vozes, 2000.

MOLTMANN, Jürgen. *O Espírito da vida: uma pneumatologia integral.* Petrópolis: Vozes, 2010.

MOLTMANN, Jürgen. *O caminho de Jesus Cristo: cristologia em dimensões messiânicas.* São Paulo: Academia Cristã, 2009.

ROCHA, Alessandro. *Espírito Santo: aspectos de uma pneumatologia solidária à condição humana*. São Paulo: Vida, 2008.

SCHNEIDER, Theodor (org.). *Manual de dogmática: volume I***.** 3ª ed. Petrópolis: Vozes, 2008.

SCHILLEBEECKX, Edward. *História humana: revelação de Deus*. São Paulo: Paulus, 1994.

TEPEDINO, Ana Maria (org.). *Amor e discernimento: experiência e razão no horizonte pneumatológico das Igrejas*. São Paulo: Paulinas, 2007.

TEPEDINO, Ana Maria & ROCHA, Alessandro (orgs.). *A teia do conhecimento: fé, ciência e transdisciplinaridade.* São Paulo: Paulinas, 2009.

Sites:

www.luso-poemas.net/modules/news/article.php?storyid=77923 (acessado dia 25/11/2012)

http://letras.terra.com.br/titas/84583/ (acessado dia 25/11/2012 às 18:40h)